

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet. — José da Silva Vieira. — Redactor no Brazil: A. Ciras. — Editor — José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão. — Typ. Espozendense — Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha 10.000 esc. — Com estampilha e para fóra: 2.500 e c. — Brasil, (Moeda forte), 30.000 rs. — Colonias Portuguezas, 25.000 rs. — Numero atrasado 1.500 — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha 1500 cent. — Anuncios particulares: linha 570 cent. ou reclames, linha 550 c. Imposto do selo, cada publicação, 15 c. — Reclames e obras litterarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA

FRAGMENTOS DE LITERATURA

LUZ NAS TREVAS

Num momento quarto dúmas aguas furtadas, viviam em estreme penuria, dois infelizes irmãos

A um canto, havia uma miseravel cama; no chão, uma enxerga rota, com uns cobertores velhos; e ao lado, a completar o mobiliario deste triste tegurio, uma mesa de pinho e dois bancos desconjuntados.

Numa noite de inverno rigorosissimo, o vento sibilava impetuoso atravez das frinchas do telhado; o frio horrivel introduzia-se pelas largas frestas e regelava os jovens, que por esmola habitavam tão lugubre compartimento.

No leito jazia um rapazito de dez anos, a quem a doença fincou com garras aduncas. Tinha os pulmões arruinados e a tosse importuna martirizava-lhe o peito!

Sentada em frente da tosca mesa, Benilde armava um lindo ramo artificial de rosas de cambraia. Ganhava como florista uns miseros centavos para não morrerem de fome!...

O relógio da Igreja proxima deu compassadamente oito badaladas. Atanagildo, sobressaltado, acordou em febre, a sede impertinente a devorá-lo... Pediu agua á carinhosa irmã.

Eram ambos desgraçados! Ele tuberculoso, talvez incuravel: ela quinze anos ridentes, sacrificados ás contingencias da vida, torturados pelos revezes da sorte!

Era enfermeira afavel, solicita, pronta a minorar o sofrimento do querido enfermo nos limites do possivel, e trabalhava demasiado para prover á reduzida alimentação.

Apesar do chäle esfarrapado a não agasalhar e as mãos tremerem friorentas, terminava, com sacrificio, o vistoso ranno e a

marguradamente pensava no contraste que existia entre a pobreza dominante e a despreocupação dos dias jubilosos de outrora, passados na companhia da boa avozinha.

Quando a mãe faleceu foram para a aldeia morar com a avó proprietaria dos campos unica parente, que possuíam, e lhes fez esquecer com o seu acrisolado afecto, a desgraça de tão prematura orfandade.

Creados entre trabalhadores rurais, humildes, mas honrados e tementes a Deus, depressa se habituaram á saudavel lide campezina. Auxiliavam nos serviços domesticos; conduziam as meigas ovelhinhas ás pastagens; segavam a erva fresca e tenra...

Benilde, apesar da tristeza que encobria, recordava, ainda, os ditosos passeios atravez dos montes sob a ramaria protectora dos pinheiros esguios e sentia saudades das lindas tro-

vas aldeãs, cantadas em conjunto harmonioso pelas raparigas que iam apanhar caruina. E como eram agradaveis as horas vagas, preenchidas a confeccionar artisticos bouquets de matissadas flores.

No entanto, a desgraça atingiu-os; o desgosto penetrou nos seus corações, ternos e simples!

A santa avósinha morreu, repentinamente, e, credores, sem consciencia, tomaram conta das terras, deixando os pequenos sem pão e sem abrigo.

Vieram para a cidade e Benilde foi oferecer os seus serviços a um estabelecimento de flores. A dona da casa, notando a muita habilidade que a menina demonstrava, admitiu-a no numero das empregadas.

As gratas reminiscencias do passado entorpeceram-lhe os membros; o cansaço paralisou o dedos hirtos; o sono invadiu-a e pendendo a cabeça sobre a mesa, a-

---FOLHETIM---

Seara alheia

(3)

99

— Quem é capaz de repetir toze vezes a fio, sem se enganar, — «capa sim, capote não?»

— Eu, talvez. Ora escute: *Capa sim, capote não; capa sim, capote não;*... (E lá o disse doze vezes).

— Não era isso; devias apenas dizer: *Capa; capa; capa;*...

— Capa?!

— *Capa, sim; capote não.*

100

Entre escolares:

— Se repetires exactamente o que vou dizer, sem nunca errar, ganhavas uma lazanja.

— Vamos a isso.

— Dize lá então: — *Ando a ver se acho o sacho.*

— *Ando a ver se acho o sacho.*

— *Fá sinto o facinto.*

— *Fá sinto o facinto.*

— *Errastel*

Errel?!

— Devias também repetir: *Errastel!* Não é para teu dente, a lazanja.

101

— A cachopa foi servir para casa dum fulano Silva, que mora na rua do Oiro. Talvez tu o conheças; já estiveste em Lisboa...

— O Silva? Oñheço! É um homem que não tem este braço.

102

— Lavra já muito azeite, a freguesia. Ali nas abas da serra — não jalando de Val-de-Ventos —, só os Nortés...

— Os Nortés! — Em minha casa tenho eu mais azeite que eles.

— Quanto tem você lá?...

— Almúde e meio; e eles não têm lá nenhum... em minha casa.

103

Francisco Lasca, tenteano na mão um copinho do tint:

— Vinte e cinco te acompanhem! (e tu não entras na conta).

104

— Não é muito fácil beber um copo de vinho com um pé na parede.

— Não é? Ora dêem-me cá uma chinela. (1) — Reparem... Viram?

— Vimos; mas você não pôs o pé na parede; pôs o sapato.

105

— Das pessoas presentes, nenhuma é capaz de pôr aqui uma libra em oiro. (1)

Sou eu; ela aqui está.

— Vêem? Pôla na mesa; e a mesa é de pau, não é de oiro.

106

— Vens da feira? Viste por lá os meus rapazes?

— Vi; estavam em cima da pele de um boi. (A sola dos sapatos).

107

Marcolino encomendou a um sapateiro novel, seu vizinho, um par de sapatos. «Pago logo» — ajuntou êle.

Vieram os sapatos; Marcolino, porém, ... não sei se lhes conte.

— ti-Marcolino: voncê disse-me que pagave logo...

— Disse; e então? *Logo não é a-*

gora.

108

— Está a semear nozes, ti-Manel? Olhe que quem as semeia não as come.

— Quem é que diz?!

— Digo eu. Então essas que aí está semeando, vossemecê come-as, por ventura?

109

— Tem boa casa, lá o seu vizinho?

— Ah, tem! Cuido que não lhe chove lá dentro.

110

Um garoto a um fumante:

— lh! tanto fumo que voncê deita p'lo nariz!

— Também o deito p'los olhos. (E zás! préga-lhe uma fumarada na cara.) Mas é nos teus; que cuidavas tu?

111

Tomava o fresco, um dia, Sebastião Bordôa, sentado num banco da Praça, quando um garotinho aí se estatelou. Obsequioso lhe diz êle então (mas sem se mexer):

— Anda cá, menino, que eu te

dormeceu.

Momentos apóz, acordou assustada ao ouvir fortes pancadas na porta do quarto. Soceçou, porém, o espirito, ao reconhecer a voz familiar da porteira pedindo para entrar. Viu-a acompanhada dum casal elegantemente vestido.

A senhora, num lance abrangente toda a extensão daquela miséria e explicou:

—Lemos no jornal o «Mensageiro» um apelo para socorrer uns desventurados, que necessitam da protecção dos favorecidos da fortuna. Resolvemos acabar com a situação afflictiva, que vos oprime. Teu irmão, entrará para o Sanatorio Caridade, esplendida casa hospitalar, fundada por nós para abrigo de enfermos pobres. Tu acompanhar-me-has na visita de assistência aos doentes. Estou informada de que tens sido incançavel, em prodigalisar cuidados ao teu irmãozinho.

Benilde beijou comovida as mãos da benemerita dama.

Nas trevas da amargura, em que os dois pequenos se debatiam, surgiu

levanto. (2)

112

—Sr. Venâncio: venda-me um vintém de solimão. Dizem-me que é bom para as formigas...

—O solimão não é bom para as formigas.

—Não é?

—Não; dá cabo delas.

113

—Se subires a esta árvore, e eu, cá em baixo, lhe der três pauladas no tronco, antes de bater a última já tu estarás no chão.

—Sim? Issa quer-se ver. Olha; cá me vou para cima dela. Dá lá as três pauladas.

O outro, pregando com o cacete no pé da árvore:

—Umal! Agora as outras... amanhã e depois. Ficam de reserva.

114

—Vou cobrir este copo de vinho com o meu chapéu, e depois beberei o vinho sem tirar o chapéu.

—Está tudo disposto; repara. *Brr...*

—Vê lá agora.

O outro levanta o chapéu, e então o primeiro apodera-se lestaemente do copo e bebe o vinho.

—Ah! assim?

—Assim? Bebi o vinho sem tirar o chapéu; tu é que o tiraste.

115

—Em tempo, com cinco réis arranjava eu peixinho, comida, bebida e um criado.

—Como pode isso ser?...

—Entrava numa baúca, senta-

brilhante, radiosa, a luz bendita da esperança.

RUI DE MENEZES.

Cavalos de Fam na mesa dum botequim

—Por aqui, amigo Padre Chaves; o criado salta um café para este senhor. Sente-se nesta cadeira.

—Obrigado, amigo, eu vinha fazer o mesmo.

—Que me diz dos seus Cavalos de Fam; não lhe parece que a sua propáganda, já é deinaí?

—Parece-me que é de menos; pois, se ainda, não consegui adiantar um só passo!

—Nem consegue, o Porto opõe-se, energeticamente, ao porto dos Cavalos de Fam.

—Se este antigo porto dos Romanos permanece, ainda, no mesmo ser, é porque Braga, a parte mais interessada, não me tem auxiliado; homem só é só, não pode conseguir bem algum de certa relevancia; todos lhe criam entraves, mordidos pela inveja. Se Braga falasse a favor do porto dos C. de Fam, assim como falou, em comícios, a favor da linha ferrea do Vale do Cavado, o Porto não levava a vida que pensa. E, se Braga se impusesse aos poderes publicos, com a lei dos Portos na mão, este porto seria,

va-me e pedia um copinho de aguardente, que o taberneiro lago me servir, ajuntando-lhe um confeito.

116

—Hoje, o meu almoço foram figos com pão.

—Figos c'um pão? Ficaste bem almoçado.

—Você é como os de Arrimal; ouve bem e entende mal.

117

Acabam de soar horas na torre.

—Quantas?

—Deu nove, e assentou o martelo—fiz o Mandonça.

—Não—acode u'n terceiro;—foram dez

O Mandonça;

—Pois é isso; nove; e mais uma ao assentar de novo o martelo. Dá a minha conta.

118

—Qual pesa mais? um quilo de ferro ou um quilo de chumbo?

—Tanto um como outro; cuidava que me apunhava?

—Pois p'sti mais u'n quilo de ferro. Olha; vês este? É ê e e seus companheiros, uns de ferro e outros de latão (de chumbo nunca vil, que passem quantos gêneros me saem da loja.

Assim falava u'n mercieiro.

119

—Para onde vais?

—Para as Festas! (1) (C) n calor.

Passados dois ou três dias:

—Venho das Festas. (C) n frieza.)

muito breve, uma efectividade.

—Com Braga não conte. Fale em peregrinações, em procissões e luzidios arraiais noturnos; é o seu pratinho de meio. E a imprensa de Braga, veja-a tam calada!

—Essa, se eu a convidasse a um passeio aos C. de Fam e lhe oferecesse um abundante almoço, regado a bom verdasco, ela falaria a bem deste porto com entusiasmo.

—Se de facto, amigo Padre, o porto dos Cavalos é de grande alcance para Braga e seu distrito, como creio, a sua imprensa devia falar a favor e se não é, devia falar contra; da discussão nasce a luz.

—E' esse, desde sempre, o meu veemente desejo, mas não ha meio! A minha ultima esperança está nos Ex.ºs Deputados por Braga. Se estes Senhores não conseguirem o porto de abrigo, digo a Deus aos Cavalos de Fam, meto-me em casa, de contas na mão e borracha á cinta, aguardando a morte. Mas, creia, amigo, que os levo atrancados aqui no coração!...

—Não vai de chorar, Padre Chaves, não é caso disso.

—Deixe-me desabafar!... Ha mais de vinte anos que venho sacrificando as minhas economias, a minha saude de ferro a uma causa do mais alto interesse para todo distrito e provincia; e não aparece uma alma de Deus ou de

120

Um sujeito que desejava familiarizar-se com outro:

—Porque não há-de a gente tratar-se irmamente? O melhor é tu cá, tu lá; leve o diabo *você*.

121

Voltando da Santa Suzana, concorridíssima feira anual onde às vezes há desordens, alguém aqui noticiou.

—Sabem? Na Santa Suzana deram lá este ano muita pancada.

—Que diz você?... bateram na Santa?

—Na Santa? Houve bordoadas, lá na feira.

122

—Dê-me lá saudades à *pequena*.

—Estimará muito. Como é coisa que ela não tem...

123

—O barril ainda tem pinga?— pergunta um dos serradores ao companheiro.

—Ainda. Enquanto ela dura, «vida e docura»; em se acabando, «ge nendo e chorando».

124

Ao ter de passar entre pessoas que se defrontam:

—Eu passo pelo meio, como a quarta-feira. Com licença.

—Em acabando essa venha buscar mais.

125

—Você faz-me um favor?

—Pode ser.

—Pau de cera é uma vela!

diabo, que me estenda a mão, que me ajude levar a cruz ao calvario!... E para maior arrelia riem-se de mim!...

—Retire o lenço dos olhos, Padre, isso dá na vista dos *mirões*; alma grande, dos *fracos* não falta a historia! O grande obstaculo á sua propáganda estão Porto, insurja-se contra elle. Diz o Porto: as obras de Leixões não podem paralisar, para não se perderem os milhares de contos, ja gastos.

—Isso é um truque do Porto para iludir os parvos.

Pois, não seria preferivel perder milhares de contos e perder milhões? Leixões já deu o que tinha a dar; a longa experiencia, de meio seculo, ha demonstrado, que o homem faz e o mar desfaz, que o homem desassoreia e o mar assoreia, cada vez mais. Assim tem sido e assim será eternamente—as mesmas causas produzem os mesmos efeitos, a força maior destrói a menor. Postos estes indefectíveis principios, quanto mais se despender com o porto de Leixões, tanto mais se perde, á custa da nação. E a imprensa nacional, fiel ao seu programa, não protesta contra esse escandalo de Leixões!!!

—Claro, se protestasse, as obras paralisavam, e o porto de Fam seria uma realidade em curto prazo. Mas, amigo Padre, desculpe, Fam é um pequeno centro, que não tem

126

O Prior está doente; não diz hoje missa.

—Outrem a pode dizer—acode o Manoel Pedro. Então custa muito dizer—*missa*?

127

—Lá o velhote, como vai?

—Vai indo; umas vezes melhor, outras pior. Ainda a noite passada elle esteve sempre sem fala.

128

—É mansa, a mula?

—Não dá coices nas estrélas porque lhes não chega.

129

A mulher ao marido, que chegava de Alcobaca com o seu jumento:

Quando há pouco ouvi zurrar, logo soube que estavas perto.

130

Dizia Diogo José Ribeiro—meu falecido Pai—que antes quereria que no curral lhe morresse um boi do que em casa lhe morresse um rato... (admiram-se!) do que em casa lhe morresse um rato... *com fome*.

Joel de Magalhães MEDICO

En Espozende das 9 ás 12
e em Fão das 14 ás 15
e meia horas

que exportar, nem que importar.

—Perdão, amigo, não é o grande centro que faz o porto, é o porto que faz o grande centro. Eu conheci Matozinhos inferior a Fam e, hoje, graças ao malfadado porto de Leixões, ostenta o aspecto de grande centro. Enquanto a não ter que exportar nem que importar, todos compreendem, que o commercio de exportação e de importação da região do norte, acode ao porto mais seguro da costa norte, com duas entradas e saídas francas, é e será o porto dos C. de Fam; logo, o commercio, industria e agricultura do norte não deixam este porto, por um porto manhoso e traiçoeiro. A cidade do Porto interessava mais este porto dos Cavaleiros, que o porto de Leixões; pois que, não havia a lamentar varios naufragios com perda total, nem despendiosas arribadas a Lisboa; não falando nas despesas de transporte das mercadorias de Lisboa ao Porto e alto norte.

—E o dinheiro para as obras desse grande porto?

--As obras são muito simples; limitam-se a completar a obra da natureza, alguns metros acima da superficie d'agua, ligando as pedras com os respectivos cais acostaveis, por meio de paredões. Por aqui todos podem calcular o seu custo provavel.

—Qual é o seu calculo?

—O meu calculo é de 5.000 contos ao cambio actual.

—Não haverá um zero a menos?

—Eu faço as contas á face de algarismos, que não mentem.

—Folgava muito ver essa operação; mas a hora da repartição aperta. Desculpe-me até mais ver.

—Até mais ver. Desculpe este caustico.

Padre Chaves

A falta de água

No numero passado abordamos este assunto que é de capital importancia para esta localidade, e não o deixaremos enquanto não formos atendidos.

Não ha localidade no país que no verão sofra a carestia desse liquido tão precioso como aqui, chegando a secar por alguns meses o unico fontenario que aqui existe.

A água que aqui se consome é de pessima qualidade

Aviso ao Público

A SOCIEDADE COMMERCIAL PHILIPS PORTUGUESA torna publico que sómente se responsabilisa pelo bom funcionamento dos RECEPTORES PHILIPS RADIO, QUANDO VENDIDOS PELOS SEUS AGENTES OFFICIAIS.

Mais declaramos que o nosso Agente Official para o concelho de Espozende é a

Casa Losa

(a) Sociedade Commercial Philips Portuguesa.

estando ha mais de 40 anos condenada por impropria para consumo, mas como não ha outra o publico vai-a consumindo.

Não ha direito a este esforço, porque periga a saude publica. Não ha direito a este estado porque a alguns kilometros d'aqui há agua em abundancia, cristalina, de rocha, que com um pouco de esforço pode chegar até nós.

Refiro-me á agua do Bouro, já explorada, com caixa de deposito pronta ha muitos anos e algum material para a sua canalisação.

E' urgente cuidar a sério deste assunto que interessa a todos.

No numero passado fizemos muito nossas algumas apreciações, porém hoje para que quem superintende neste caso veja que a nossa petição é justissima, vamos para aqui transcrever da *Crusade*, semanario de Fão, um artigo inserto na mesma que diz bem

aito o mal servida que aquela povoação e esta está a respeito de aguas.

A água tem que vir até nós, exige o a saude publica em nome da qual reclamamos a quem de direito, para que ponha todo o seu valimento ao serviço desta causa.

Passemos á transcrição.

«Mais uma vez, bem contra nossa vontade, nos referimos á questão das aguas publicas em Fão.

«E' um assunto que interessa gravemente a nossa terra e que diz respeito directamente a toda a povoação. Todos tem visto que a água sobretudo no verão, é deficientissima e, alem da sua deficiencia, torna-se impropria para o consumo, o que vem causar, como é evidente, grande transtorno e pode ser um perigo para a saude publica. Este estado de coisas devia merecer a toda a população o maior cuidado e in-

teresse.

Segundo dizem os jornais é muito provavel que seja em breve trazida para Espozende a água do Bouro (Goios). Diz-se que talvez venha depois tambem para Fão.

Será isto bastante para nos satisfazer e reduzir-nos ao silencio.

Entendo que não e julgo isso um mau passo.

Quem nos garante que a agua do Bouro venha realmente para Fão.

Quem toma o compromisso de conseguir dinheiro para esse melhoramento?

Anda a Camara de Espozende a trabalhar para ter a agua na vila ha mais de 20 anos, tendo os trabalhos desde ha muito principiados e só agora conseguirá realizar a sua aspiração; e nós aqui conseguiremos logo esse melhoramento?

Mas se ainda assim houvesse uma promessa seria e terminante sobre isso...

Não o ha porém; não passando de vagas afirmações o que se diz. Entendemos que Fão devia ter um entendimento categorico com quem de direito sobre este assunto.

São as aguas de Fão improprias para o consumo? Está isto provado?

Quem garante que venham até Fão as aguas do Bouro? Que deve fazer Fão presentemente? Não tratar de coisa alguma?

Se se tratasse dum assunto que pudesse ser adiado, vá.

Mas trata-se dum assunto que reclama uma solução imediata, urgente.

Seja qual for a solução proferida e adoptada é inadivavel proceder, expondo a nossa grande e pública necessidade.

Nenhum estudo ha sobre o caso e desta forma nada se faz, sendo muito provavel que tenhamos de ficar assim durante alguns anos.

A quem havemos de pedir depois as responsabilidades?

Cimento Tejo

a marca mais conhecida e garantida por o fabrico moderno

DEPOSITARIO

CASA DE FERRAGENS VIDROS E TINTAS

BERNARDO GONÇALVES ENES

Rua Direita — ESPOZENDE

LIVROS E REVISTAS

Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira.

Com aquela regularidade que tem mantido desde o seu inicio já se acha distribuido o fasciculo 6.º desta monumental publicação que vê a luz da publicidade em Lisboa, editada pela importante Empresa Nacional de Publicidade, estabelecida no Largo Trindade Coelho, 10-11, onde se podem fazer os pedidos para esta e outras obras de que esta Empresa é editora.

O fasciculo agora saído contém as folhas 27 a 31, de 16 paginas cada uma, ou sejam as 5 folhas num todo de 80 paginas, que vão de 417 a 496, intercaladas de muitas fotografuras além de varios crómos em cartão avulsos e a côres.

Está na letra A, e vae da palavra «Adocicamento» a «Alonso III», quinto Rei de Portugal.

O valor real e estimativo desta obra é incalculavel e provoca a intensidade de palavras que ele contém com a maior claresa e desenvolvimento.

Ainda se recebem assinaturas para esta obra em todas as livrarias. Na livraria Espozendense mostra-se a obra a quem a de-sejar assinar.

O custo de cada fasciculo é de 10 escudos.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para esta obra e para o anuncio que em outro lugar publicamos.

PARA A MULHER

Recebemos o numero correspondente ao mês de Setembro da revista «El Consultor de los Bordados», cuja edição é da casa do sr. Juan Ribas, de Barcelona.

Ao inaugurar-se o curso academico, «El Consultor de los Bordados» dirige-se ás Senhoras Mestras, especialmente ás de nova promoção, para recordar-lhes a utilidade que pres-

ta aos colégios de senhoras, à secção de Labores á publicação da qual nos dedicamos especialmente.

«El Consultor de los Bordados», revista veterana e acreditada, não só publica amena e interessante literatura para a mulher, como é seu desejo e maestria na arte de embelecer o logar: o bordado em todos os seus ramos, a pontilha, etc., e os objectos suplementares e práticos de todas as casas acomodadas, a confecção e a moda têm tido logar nas suas paginas, mediante discretas leccionações e acertados modelos faceis de reproduzirse. Ultimamente ha estabelecido sensacionais concursos anuais de valiosos objectos domesticos, entre as suas escritoras, oferecendo prémios tão importantes como uma maquina de coser e bordar que foi adjudicada a uma senhara de Cordova.

«El Consultor de los Bordados», a única revista que não exige pagamento adeantado da inscrição, publica-se em duas edições, uma de luxo e outra domestica e remete gratuitamente um exemplar de amostra a quem o solicitar á sua administração, calle de Muntaner, 65, Barcelona.

ECOS

Mercês honorificas

Com o grau de Oficial da Ordem Militar de Aviz, foi condecorado o nosso amigo e distinto Governador Civil, sr. Capitão Lucinio Gonçalves Presa. Os nossos parabens.

Barcos de Guerra

No principio desta semana, passaram em frente a Espozende e de noite, cerca de dez navios de guerra inglezes, que se dirigiam ao sul.

Dr. Alexandre Torres

Acompanhado de sua Ex.ª familia, retirou na segunda-feira passada para o Porto, este nosso grande amigo, distinto notário e advogado nessa cidade.

Pela ótima companhia que fez nesta terra durante o verão, os nossos cumprimentos, espe-

rando vermo-lo novamente nas proximas festas do Natal.

Traineira Invieta

Em virtude das avarias que sofreu quando encalhou na barra, subiu a alguns dias para o plano inclinado, a fim de ser reparada convenientemente.

Rocha Gonçalves

Em casa do sr. Filipe Gomes, esteve no passado domingo, o nosso grande amigo sr. Francisco da Rocha Gonçalves, devotado filho de Espozende, que nunca a tem esquecido, sempre que se proporciona a ocasião.

Ao ilustre homem de bem, apresenta o «Espozendense» sinceros cumprimentos.

Daqui regressou para Moure, terra onde sua Ex.ª irmã, sr.ª D. Cristina Taborda, possui uma quinta.

DELFIN PEREIRA DA COSTA

Na ultima segunda-feira, á tardinha baixa, faleceu na cidade do Porto, o grande e importante comerciante e industrial, Ex.º Sr. Delfim Pereira da Costa, cavalheiro de alta estima e consideração, nosso presado amigo e oriundo da freguesia de Gemezes, deste concelho, de onde eram seus descendentes e ali possui, no lugar da Barca o seu palacet e largas propriedades.

Do «Comercio do Porto», de terça-feira 8, destacamos para aqui alguns periodos a seu respeito, que fazemos nossos por serem a expressão da verdade.

«Uma enternidade grave, que, ultimamente, o levara, acompanhado por um dos seus dedicados genros, o nosso prezado amigo sr. Pedro Maria da Fonseca, a uma clinica de Paris, completou, agora, a sua obra destruidora, vitimando-o, impiedosamente, ao cabo de prolongado sofrimento.

«Delfim Pereira da Costa, que desaparece, para sempre, após uma vida de porfiado labor, em que vincou um nome com verdadeiro brazão de trabalho, simboliza as virtudes que caracterizam, principalmente, a gente do Norte: trabalho, honestidade, perseverança.»

O seu funeral que teve lugar na ultima quarta-f.ª, pelas 4 horas da tarde, sahindo da igreja da Trindade, foi o que se tem visto de mais seieto e comovente.

A' ilustre familia do extinto envia a redação do «Espozendense» o seu sentido cartão de condolencias.

O bondoso extinto, entre

muitos legados que deixou no seu testamento doou ao nosso Hospital a quantia de mil escudos.

Pilot RADIO

Porquê?

Recebe maior numero de estações. Tem melhor sonoridade. O material «PILOT» é conhecido pelos grandes amadores da T. S. F. como do melhor que se fabrica.

E' a marca que vem sendo preferida pelo Corpo Diplomático, Ministros, Oâciais do Exército e Marinha, Magistratura, Alto Comercio e Industria.

E' uma marca com 25 anos de existencia e outros tantos anos de aturadas experiencias.

SEJA PRUDENTE

Não compre telefonia sem ouvir «PILOT»

Modelos para 1.200\$00 —
1.650\$00 — 1.950\$00 —
2.050\$00 — 2.650\$00 —
2.800\$00 — 3.900\$00 —
3.950\$00 e 5.950\$00

Agente:

JOSE OLIMPIO BARBEIROS
RUA DE S. FRANCISCO, 34
BARCELOS

Artur Boaventura Rego
ESPOZENDE

Declaração

Para os devidos efeitos declara Antonio da Silva Junior, da freguezia de Santa Marinha de Rio Tinto, deste concelho, que o seu verdadeiro nome é este e não o de Antonio Gomes da Silva como em parte aparece em publico.

Rio Tinto, 3 de Outubro de 1935.

Antonio da Silva Junior.

COLEGIO FRANCO-LUSITANO

Fundado em 1923

Rua 1.º de Dezembro - ESPOZENDE

Internato e externato para os dois sexos.

ENSINA-SE: Instrução primaria, Instrução secundaria e Música.

Educação Moral e religiosa. Alimentação sa e abundante. Os alunos tomam as suas refeições com as directoras.

A lingua francesa é ensinada por professora parisiense diplomada.

Ótimos resultados nos exames. As aulas reabrem no dia 9 de Outubro. Pedir informações á directora:

Renée Mestre Vieira